

## ETNOBOTÂNICA EM SÃO JOÃO MARCOS, RIO DE JANEIRO: ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE OS IMPACTOS GERADOS POR ATIVIDADES HUMANAS NA TRANSFORMAÇÃO LOCAL

Data de aceite: 12/05/2020

### **Sonia Cristina de Souza Pantoja**

Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Educadora e Pesquisadora do Centro de Responsabilidade Socioambiental - Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/6332069617001501>

### **Anna Carina Antunes e Defaveri**

Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Educadora e Pesquisadora do Centro de Responsabilidade Socioambiental - Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/3527541324799469>

### **Ygor Jessé Ramos**

Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Educador e Pesquisador do Centro de Responsabilidade Socioambiental - Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/3271824948370332>

### **João Carlos Silva**

Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Coordenador do Centro de Responsabilidade Socioambiental - Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/3139601494783305>

[jcsilva@jbrj.gov.br](mailto:jcsilva@jbrj.gov.br)

e os impactos gerados pelas atividades humanas na transformação do bioma Mata Atlântica no decorrer da história do distrito de São João Marcos, município de Rio Claro, Rio de Janeiro, Brasil. A pesquisa baseou-se na análise de publicações disponíveis nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online-SciELO* e *Google Acadêmico* resultantes de buscas utilizando os termos conhecimento empírico, plantas medicinais, Etnobotânica e Rio Claro. Alguns estudos apontam para a extinção de muitas espécies em função do excesso de coletas decorrentes da demanda urbana pela utilidade de vegetais, reforçando a necessidade de se apurar os impactos, em longo prazo, da ação das populações que utilizam a flora local. Na área em estudo as atividades humanas geraram grandes impactos e uma significativa transformação do bioma Mata Atlântica e parte dessa história encontra-se inserida na paisagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnobotânica, São João Marcos, Aspecto histórico, Levantamento bibliográfico.

ETHNOBOTANY IN SÃO JOÃO MARCOS,  
RIO DE JANEIRO: HISTORICAL ASPECTS  
OF THE IMPACTS GENERATED BY HUMAN

**RESUMO:** O objetivo deste estudo foi o levantamento bibliográfico sobre a etnobotânica

**ABSTRACT:** The objective of this study was the bibliographic survey on ethnobotany and the impacts generated by human activities on the transformation of the Atlantic Forest biome throughout the history of the São João Marcos district, municipality of Rio Claro, Rio de Janeiro, Brazil. The research was based on the analysis of papers available in the Scientific Electronic Library Online-SciELO and Google Scholar databases resulting from searches using the terms ‘traditional knowledge’, ‘medicinal plants’, ‘ethnobotany’ and ‘Rio Claro’. Some studies point to the extinction of many species due to the excess of plants being collected caused by the urban demand for the usefulness of vegetables, reinforcing the need to look into the long-term impacts, of the actions of the populations that use the local flora. In the area under study, human activities generated great impacts and a significant transformation of the Atlantic Forest biome and part of this history is inserted in the landscape.

**KEYWORDS:** Ethnobotany, São João Marcos, Historical aspect, Bibliographic survey.

### 1 | INTRODUÇÃO

A etnobotânica visa compreender as relações estabelecidas entre o homem e os vegetais (ALCORN, 1995; ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002; HANAZAKI, 2004; ALBUQUERQUE, 2005). Hanazaki (2003) estudou essa relação como um dos enfoques contemporâneos envolvendo o resgate, o estudo e a valorização do conhecimento ecológico local, e mostrou ela constitui forte aposte para a conservação.

De fato, o termo Etnobotânica surgiu em 1895 atribuído a John W. Harshberger, botânico americano que descreve o estudo de vegetais utilizados por “aborígenes” (ALBUQUERQUE, 1997). Pesquisas em etnobiologia, além de tentarem compreender as relações e padrões entre as pessoas e os recursos biológicos, registrar os conhecimentos detidos por populações humanas que podem ser perdidos ao longo do tempo, auxiliar na busca de novos produtos e processos que venham a enriquecer o repertório conhecimento e de relações entre o homem e a natureza, são uma aliadas importantes para a conservação (SCHULTES, 1995; ALBUQUERQUE, 2013).

A maior parte da atividade humana é intencional, decorrente da busca pela sobrevivência. No entanto, embora necessária, resulta em alterações nos biomas como a Mata Atlântica (VERMEIJ, 2005; OLIVEIRA, 2015), uma das florestas tropicais com maior número de espécies por unidade de área. Ela também é o bioma brasileiro mais fragmentado pelo processo de ocupação desordenada e exploração que remonta o final do século XV e, conseqüentemente, com o maior número de espécies ameaçadas de extinção (MARQUES *et al.*, 2016). Da cobertura vegetal original restam 1.103.961Km<sup>2</sup> remanescentes, que representa 21,9% da área original, conforme dados revisados do 5º relatório nacional para a convenção sobre a diversidade biológica (BRASIL, 2016). o

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2017) divulgou que foram destruídos 291 Km<sup>2</sup> de florestas entre 2015-2016, o maior desmatamento dos últimos 10 anos.

A região do Vale do Paraíba, onde está inserida a área do trabalho, tem como tipo florestal predominante a Floresta Estacional Semidecidual (VELOSO *et al.*, 1991). O relevo suave em muitos trechos é particularmente suscetível à ação antrópica devido às facilidades de acesso (PEREIRA *et al.*, 2017) e vem sofrendo transformações por ação humana desde o século XVI, quando fazia parte das rotas por onde transitavam comerciantes, os quais pernoitavam e se alimentavam nas proximidades, estimulando a instalação de sitiantes interessados no cultivo de alimentos básicos para atender a esta demanda (CABRAL, 2004). A maior alteração porém, ocorreu quando cresceu o interesse pela cultura cafeeira na região do Vale do Paraíba, que interferiu fortemente na paisagem da região, em especial em São João Marcos, com uma história de impressionante de *boom-and-bust* (apogeu e colapso). Parte da população remanescente desta história de ocupação guarda preciosas informações sobre o bioma original.

Os povos tradicionais possuem amplo conhecimento referente aos ciclos ecológicos e sobrevivem da exploração dos recursos naturais. Contudo, a crescente pressão econômica e cultural tem oprimido essas comunidades (AMOROZO & GÉLY, 1988), comprometendo a transmissão destes conhecimentos. Os estudos sobre a biodiversidade na região de São João Marcos tornam-se ainda mais necessários, uma vez que os ecossistemas que compõem a paisagem da região vêm sendo fortemente impactados devido a história local. Nesse contexto, estudos etnobotânicos são fundamentais, pois geram informações científicas e populares que integradas, podem contribuir para a conservação (ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002). Segundo Monteiro *et al.* (2010), os inventários etnobotânicos podem nos fornecer dados substanciais sobre o uso de espécies vegetais suscetíveis a coletas destrutivas.

Dessa forma, objetivo desta pesquisa foi o levantamento bibliográfico sobre a etnobotânica e os impactos gerados pelas atividades humanas na transformação do bioma Mata Atlântica no decorrer da história do distrito de São João Marcos, município de Rio Claro, Rio de Janeiro, Brasil.

## 2 | METODOLOGIA

O levantamento de dados procurou abranger o inventário etnobotânico, assim como dados e informações culturais das comunidades e do ambiente onde vivem. A pesquisa foi baseada em levantamento de publicações relacionadas a Etnobotânica, com consulta às bases de dados *Scientific Electronic Library Online-SciELO* e *Google Acadêmico*, cruzando de várias formas as palavras conhecimento empírico, plantas medicinais, Etnobotânica e Rio Claro.

### 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A etnobotânica recebeu muitas definições ao longo do tempo por permear diversas áreas acadêmicas como Botânica e Antropologia Cultural (ALBUQUERQUE, 2005). Ela existe desde os primórdios da humanidade, crescendo como uma disciplina ligada à Botânica como especialidade.

A etnociência estuda a maneira como o mundo da experiência é classificado por uma cultura... A etnobotânica é uma ciência natural, visto que pode ser entendida como a interface entre as ciências humanas e uma ciência natural (ou biológica), a botânica. (ALBUQUERQUE, 2005).

No contexto da investigação etnobotânica, o pesquisador procura conhecer a cultura e o dia-a-dia da comunidade pesquisada, os conceitos locais de doença/saúde, o modo como a comunidade se vale dos recursos naturais para a 'cura' de seus males, atrair ou afastar animais, construir habitações mais adequadas ao local e outros. Ele procura repassar o conhecimento apreendido para o meio científico sem incorrer em erros de interpretação (PATZLAFF & PEIXOTO, 2009).

De acordo com Amorozo (2002), cada vez mais se reconhece que a exploração dos ambientes naturais por comunidades tradicionais e nativas nos fornecem subsídios para estratégias de manejo e exploração que sejam sustentáveis.

Em novos ambientes, o conhecimento ecológico construído via práticas diárias de trabalho no campo e através da relação direta com os elementos naturais corre o risco de se perder no tempo segundo Gandolfo e Hanazaki (2011). Para Borges e Peixoto (2009) a etnobiologia permite o registro do conhecimento humano a respeito do mundo natural.

Cada vez mais pesquisadores utilizam a etnobotânica para compreender as relações entre os seres humanos e a natureza (OLIVEIRA *et al.*, 2009), sendo um dos melhores meios para registrar os saberes locais. A construção do conhecimento etnobotânico consiste no estudo do conhecimento e das definições adquiridas por qualquer cultura em relação aos seres vivos e fenômenos biológicos. Isso se dá através do inventário de dados junto a sociedades depositárias de parte considerável do saber sobre a diversidade biológica, podendo subsidiar o uso sustentável dos recursos vegetais (FONSECA-KRUEL & PEIXOTO, 2004).

A ocupação humana com a conseqüente urbanização de áreas de importância ecológica tem acelerado os processos de mudança no modo de vida de diversas comunidades que, de certa forma, estavam isoladas preservando antigos costumes, a exemplo de pescadores e agricultores (BRITO *et al.*, 2017).

#### Rio Claro e o Distrito de São João Marcos

Rio Claro é um município que engloba cinco distritos: Rio Claro, Getulândia, Lídice, Passa Três e São João Marcos (IBGE, 2016), assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007, com cerca de 17 mil habitantes. São João Marcos (22°47'48.61"S e

44°01'52.26"O) tem elevação de 420m acima do nível do mar, está localizado na Serra do Piloto, com aproximadamente 30 hectares de floresta ombrófila densa. É um fragmento que representa um marco da atividade cafeeira na região, uma das mais importantes cidades no período do café às margens da antiga Estrada Real, na região do Vale do Paraíba, que hoje abriga o primeiro parque arqueológico urbano do Brasil. No distrito de São João Marcos, a localidade de Macundu (22.84°S, 44.05°W), uma antiga fazenda, será o foco principal da pesquisa.

O distrito de São João Marcos possui um posto de saúde que atende casos mais simples de doenças e uma igreja, a reconstrução da São João Marcos. A concentração de marcossenses neste local acabou identificando o mesmo como “a nova São João Marcos” (Oliveira, 2014), mas, segundo Alberti (2005) Macundu não pode ser comparada à antiga São João Marcos pela sua simplicidade e carências que em nada se comparam a antiga cidade.

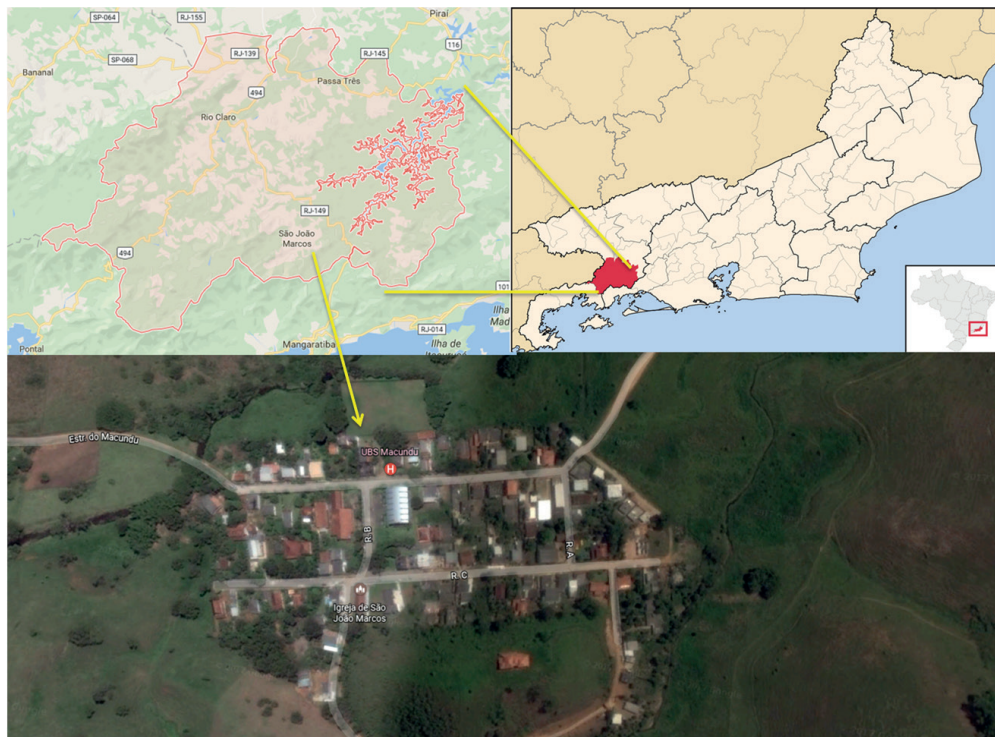


Figura 1. Localização da área de estudo. A: O estado do Rio de Janeiro, com detalhe do Município de Rio Claro. B: Rio claro e distritos. C: A área de Macundu, no distrito de São João Marcos. Fonte: modificado de *Google Earth*.

Segundo o IBGE (2017), o município de Rio Claro tem população estimada de 17.850 habitantes e uma área territorial de 837,263Km<sup>2</sup> com uma densidade demográfica de 20,81 habitantes/Km<sup>2</sup>. Sua origem está ligada ao desbravamento bandeirante.

O município está inserido no Vale do Paraíba, região que foi submetida a grandes transformações com as práticas econômicas dos séculos XVI a XX, sendo usado inicialmente como caminho entre a área de exploração do ouro e o litoral (VIDAL, 2002). A cultura em grande escala do café se adaptou muito bem à região e gerou grande

impacto na Mata Atlântica (DEAN, 1996; AZEVEDO & ARAÚJO, 1997). A expansão dos cafezais no Vale do Rio Paraíba deu um novo impulso à economia nacional, tornando o país o primeiro produtor de café mundial, em 1832. As práticas do plantio do café (*Coffea arabica* L., Rubiaceae), realizadas sem a preocupação com a conservação das terras utilizadas, deixaram como resultado solos exauridos e praticamente sem condições para o desenvolvimento de outras atividades agrícolas. As restrições para a aquisição de escravos promoveram a diminuição do cultivo de cafezais ou mesmo o abandono de algumas áreas de cultivo, período no qual outra atividade ganhou força na economia da região: a pecuária (DEAN, 1996; STEIN, 1990). A pecuária bovina apresentou-se como atividade econômica capaz de substituir satisfatoriamente a cultura cafeeira em termos de valor de produção gerado (KELLER, 1977). Assim, em áreas onde a floresta poderia se recuperar, foi plantado capim-gordura ou meloso (*Melinis minutiflora* P.Beauv) para a alimentação do gado. Deste modo a lavoura de café cedeu lugar à criação extensiva de gado e outras atividades dela decorrentes (DEAN, 1996).

A infra-estrutura de transportes deixada pela economia do café, aliada à privilegiada situação geográfica e boa disponibilidade de recursos hídricos, foram fatores importantes que contribuíram para estabelecer o progresso subsequente, baseado no desenvolvimento industrial (VIDAL, 2002). O período industrial, nas décadas de 1930 a 1950, fez com que o desmatamento fosse motivado, também, pela demanda por material lenhoso, não só para fins energéticos, como para a construção civil, devido à expansão dos centros urbanos. Assim, os municípios do Vale do Paraíba tem, de alguma maneira, uma unidade, pelos diferentes ciclos de “progresso” e abandono, pelos quais passaram e parte da sua população, especialmente aquela com mais vínculo com a terra, mantém ricas raízes culturais, alimentares e de relação da natureza. O município de Rio Claro destaca pela produção e extração de produtos alimentícios, aromáticos, medicinais, tóxicos, corantes, borrachas, ceras, fibras, madeiras (tora, lenha), oleaginosos, tanantes diversos, resinas, entre outros (IBGE, 2016).

São João Marcos está inserida em uma área verde preservada e um corredor de biodiversidade em plena Mata Atlântica. Oliveira (2016) informa que foi uma das cidades mais importantes na época do Ciclo do Café. Foi local de apoio de desbravadores que acampavam numa colina sobre o Rio Paraíba, onde seria fundada a cidade.

A história da cidade se iniciou com a construção de uma capela dedicada a São João Marcos Evangelista, a mando de João Machado Pereira, no ano de 1739. O nome da pequena cidade com o tempo foi se espalhando, marcado por suas condições naturais na plantação do produto que durante dois séculos seria símbolo de riqueza do Brasil: café. Quatro anos após a inauguração da Matriz, a população da Freguesia de São João Marcos solicita ao Vice-Rei sua separação da Vila de Resende, o pedido este negado. Dois anos mais tarde, em 1807, outra solicitação foi enviada ao Vice-Rei Conde de Resende assinada por muitos moradores da freguesia. Em menos de cinco anos após o

pedido, o Príncipe Regente D. João elevou à categoria de Vila a Freguesia de São João Marcos pelo alvará 21 de fevereiro de 1813. Neste alvará, o Príncipe Regente estava ciente do pedido de separação, no qual os moradores alegavam que a Freguesia continha população suficiente e que crescerá mais com o aumento da agricultura que já dava sinais positivos (BUENO *et al.*, 2011).

De acordo com Oliveira (2016), a cidade era rodeada por fazendas de café. Um dos maiores comendadores da cafeicultura no período imperial, Joaquim José de Sousa Breves, foi dono de um feudo com cerca de seis mil escravos que se espalhava da Ilha de Marambaia até a Província de São Paulo, passando por Itaguaí, Além Paraíba, Mangaratiba, Piraí, Barra do Piraí, Angra dos Reis, Barra Mansa, Bananal, que tinha como capital a Vila de São João Marcos. A cidade foi uma das mais importantes do Brasil, constituída na época por 14 mil habitantes, e cerca de 200 casas.

A introdução da cultura do café acelerou consideravelmente o progresso da região, em especial, mas a abolição da escravatura e o deslocamento da cultura do café para as terras de São Paulo abalaram a economia. São Marcos pouco a pouco foi entrando em decadência, situação agravada pelos novos traçados dos sistemas rodoviário e ferroviário, entre o Rio de Janeiro e o interior fluminense. Em 1938, São João Marcos foi incorporado ao município de Rio Claro. Pelo decreto estadual nº 635, de 14-12-1938, confirmado pelo de nº 641, de 15-12-1938, o município de Rio Claro, adquiriu o território do extinto município (OLIVEIRA, 2016).

O fim de São João Marcos foi decretado quando o Rio de Janeiro vivia a iminência de falta d'água e era necessária a criação da barragem de Ribeirão das Lajes. O governo de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, baixou um decreto para retirar os moradores da região, sendo todas as construções demolidas. Na época, Vargas autorizou a empresa Light a aumentar a área da barragem a ser alagada (BUENO *et al.*, 2011).

De acordo com Oliveira (2016) nas redondezas de São João Marcos existiam 150 propriedades, sendo a principal a Fazenda Olaria, do coronel Joaquim Breves de Souza, considerado o Rei do Café no Império e muito amigo de Dom Pedro, com cerca de seis mil escravos em sua propriedade. Quando a área foi alagada, a Fazenda Olaria não foi poupada.

O IPHAN, através de Rodrigo Melo Franco de Andrade, tombou a cidade em 1939 e defendeu notoriamente a sua preservação, porém, o ideal desenvolvimentista de Vargas consentiu a Light o direito de fazer a represa em Lajes e, por conseguinte inundar a cidade.

São João Marcos foi a primeira cidade no Brasil a ser tombada porque tinha marcos arquitetônicos importantes, mas se rendeu à pressão da energia elétrica e foi 'destombada' para a construção da barragem. Segundo o coordenador do projeto do parque, Luís Felipe Younes do Amaral, foi realizado um trabalho intenso de pesquisas arqueológicas ao longo de dois anos que reuniu uma equipe multidisciplinar de arqueólogos, historiadores

e engenheiros; escavações arqueológicas em conjunto com o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), “Hoje a cidade inteira é um sítio arqueológico. As ruínas da cidade formam um grande museu a céu aberto e o primeiro sítio arqueológico urbano do Brasil”, conta. Pouco mais de três meses após a inauguração, o Parque já é reconhecido por sua excelência na conservação do patrimônio (OLIVEIRA, 2014).

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) anunciou a entrega do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, o mais importante do Brasil em reconhecimento à conservação de patrimônio na categoria Proteção do Patrimônio Natural e Arqueológico. São João Marcos hoje é o Parque Arqueológico e Ambiental, um museu a céu aberto no interior do Rio de Janeiro que preserva a história do Vale do Café.

Segundo o INEPAC (2017) foram demolidas a igreja Matriz, uma capela antiga pertencente à Irmandade Nossa Senhora do Rosário, dois clubes, um teatro e um hospital. Em um vale na confluência dos antigos rios Araras e Panelas está o que restou do antigo núcleo: trechos de caminhos calçados com pedras, vestígios de prédios dinamitados e muros, muitos encobertos pela vegetação. Condenada a desaparecer sob as águas da represa, grande parte da cidade jamais foi inundada.

## População

No processo de dispersão dos moradores de São João Marcos, os primeiros locais a serem esvaziados foram aqueles que compunham a área rural. Nesse primeiro movimento de desocupação, fazendeiros ainda endividados viram na venda das fazendas a solução para seus negócios e o dinheiro recebido favoreceu recomeços em posições ainda confortáveis em municípios vizinhos. Entretanto, os trabalhadores rurais, a parte da população mais pobre, foram os últimos a sair e, por esta mesma razão não se deslocaram para lugares mais distantes. Grande parte dos moradores fixou residência na localidade denominada Macundu, antiga fazenda que, por situar-se próxima, acabou se tornando de fácil acesso para os que não podiam ir muito longe. Nessa região há 958 pessoas registradas (NAZARÉ, 2015) e 345 famílias, divididas em três micro áreas sem transporte público ou serviço de saúde, contando com três agentes comunitários.

Muitos moradores que foram retirados de São João Marcos se espalharam em fazendas nos distritos de Rio Claro e outros lugares próximos à antiga cidade. Macundu recebeu boa parte dos marcossenses, tida como a “nova” São João Marcos. No entanto, segundo Serqueira (2017) a assistência foi negada à população mais carente, a qual não tinham local alternativo para residência ou não acreditava na inundação, o que resultou em sua permanência e morte.

A falta de cuidados sanitários fez proliferar a malária, que se espalhou tornando-se uma terrível epidemia, fazendo sucumbir milhares de pessoas nas cercanias da represa. Metade dos 7.000 habitantes da outrora invejável São João Marcos foi contaminada (SERQUEIRA, 2017).



Os fazendeiros Agrippino Grieco e Luiz de Souza Breves descrevem outras cenas trágicas: “No pior período da epidemia, abriam-se valas enormes no cemitério e muita gente ainda viva foi para a cova de cambulhada com os defuntos. Nos arredores encontravam-se cães devorando cadáveres e achou-se até uma criancinha morta...” (FLAGLIARI & SANTOS, 2004).

Oliveira (2016) analisa as consequências na falta de comprometimento e envolvimento do Estado em questão de políticas públicas, gerando danos irreparáveis à sociedade. O que se perdeu em São João Marcos foi muito mais do que o patrimônio histórico, foi a história e raízes de pessoas que tinham no município sua referência.

A população foi, simplesmente, “esquecida” por nossa história, os habitantes que resistiram no centro urbano do município sobreviveram isolados, no mais completo esquecimento (FLAGLIARI & SANTOS, 2004), guardando e praticando seus saberes.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As influências de atividades humanas nas paisagens são múltiplas, com um gradiente que vai desde ambientes quase naturais até os totalmente antropogênicos, e as comunidades vegetais têm traços da relação com usos antrópicos passados. Na Mata Atlântica, a ocupação humana é muito antiga e hoje representa um ‘documento histórico’ com evidências resultantes da interação do homem com o ecossistema.

Ocorreram extinção de muitas espécies em função do excesso de coletas decorrentes da demanda urbana pela utilidade de vegetais, reforçando a necessidade de se apurar os impactos, em longo prazo, da ação das populações que utilizam a flora local, não só na área de estudo, como também em outras que sofreram com o avanço urbano.

São João Marcos foi muito impactado por interesses econômicos e atividades humanas geraram uma significativa transformação do bioma Mata Atlântica e parte dessa história encontra-se inserida na paisagem.

#### REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Editora FGV. 3º ed. Rio de Janeiro. 2005.

ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica: uma aproximação teórica epistemológica. **Revista Brasileira de farmacologia**, 78 (3): 60-64. 1997.

ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**. Recife, PE: NUPEEA. 166p. 2013.

ALBUQUERQUE, U. P. & ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em área de caatinga no Estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, 16: 273-285. 2002.

ALBUQUERQUE, U. P., LUCENA, R. F. P e CRUZ DA CUNHA, L. V. F. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife. Nupeea. 2010.

ALBUQUERQUE, U. P. & LUCENA, R. F. P. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife, Livro Rápido / NUPPEA. 189p. 2004.

- ALBUQUERQUE, U. P., LUCENA, R. F. P. Can apparency affect the use of plants by local people in tropical forests? **Interciencia**, **30**: 506-511. 2005.
- ALCORN, J. The scope and aims of ethnobotany in a Developing World. *In*: SCHULTES, R. E. & von Reis, S. (eds.). **Ethnobotany**. Portland, Dioscorides Press. 23-39p. 1995.
- AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Laverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasileira** v. 16, n.2, p. 189-203. 2002.
- AMOROZO, M. C. M. & GÉLY, A. **Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brazil**. Série. Bot., v. 4, n.1, 47-131. 1998.
- APG (ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP) IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. Bot. **J. Linnean Soc.** 2016.
- AZEVEDO, A. N. & ARAÚJO, V. L. **A história de Piraí**. Editora: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 79p. 1997.
- BORGES, R. & PEIXOTO, A. L. Conhecimento e uso das plantas em uma comunidade caiçara no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, **23**: 769-779. 2009.
- BRASIL. **Quinto Relatório Nacional para Conservação da Biodiversidade biológica**. Brasília. Ministério do Meio Ambiente. Brasil.198p. 2016.
- BRITO, M. F. M.; MARPÍN, E. A.; CRUZ, D. D. Plantas medicinais nos assentamentos rurais em uma área de proteção no litoral do nordeste brasileiro. *Ambient. soc.* vol.20 no.1 São Paulo. 2017.
- BUENO, A.; COSTA, J. P. O.; MARTIN, K. H.; SERRA, M.; CARVALHO, N. 2011. **São João Marcos: Patrimônio e Progresso**. Mv Serra. Rio de Janeiro: Cidade Viva: Instituto Light, 2011. 167 p.
- CABRAL, D. C. Produtores rurais e indústria madeireira no Rio de Janeiro no final do século XVIII, Tese de doutorado – UFRJ. 2004.
- DEAN, W. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras. 484p. 1996.
- FLAGLIARI, G. & SANTOS, G. **São João Marcos esquecida pela história**. 2004. Disponível em: [http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_sao\\_joao\\_marcos\\_esquecida.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_sao_joao_marcos_esquecida.htm)> Acesso em: 06/06/2017
- FONSECA-KRUEL, V. S. & PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na reserva extrativista marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, **18**: 177-190. 2004.
- HANAZAKI, N. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. **Biotemas**, **16**: 23-47. 2003.
- HANAZAKI, N. Etnobotânica. Pp. 37-57. *In*: Begossi, A. (Ed.). **Ecologia Humana de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo, FAPESP/HUCITEC 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Cidades..** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em INEPAC, INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL – INEPAC. Patrimônio Cultural. Bens Tombados. Sítio de busca a respeito da Ponte Bela e ruínas do centro histórico de São João Marcos Número do processo: E-18/000.062/90 [http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens\\_tombados/detalhar/231](http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/231). Acesso em 07 de junho de 2017.
- INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). **Monitoramento da floresta brasileira por satélite**. São José dos Campos, São Paulo. 2017.

- KELLER, E. C. S. Atividade agrária in: **Geografia do Brasil- região sudeste**, IBGE. Rio de Janeiro, vol. 3: 383-483. 1977.
- MARQUES, M. C. M., LINS E SILVA, A. C., RAJÃO, H., ROSADO, B. H. P., BARROS, C. F. B., OLIVEIRA, J. A., FINOTTI, R., NECKEL-OLIVEIRA, S., AMORIM, A., CERQUEIRA, R. & BERGALLO, H. G. Mata Atlântica – O desafio de transformar um passado de devastação em um futuro de conhecimento e conservação. P. 50-67. In: PEIXOTO, A. L., LUZ, J. R. P. & BRITO, M., (Orgs.) **Conhecendo a Biodiversidade**. MCTIC/ CNPq/ PPBio. Brasília. 195p. 2016.
- MARTIN, G. L. 1995. **Ethnobotany: A methods manual**. London. Chapman & Hall.
- MONTEIRO, J. M.; ARAUJO, E. L.; AMORIM, E. L. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Local Markets and medicinal plant commerce: a review with emphasis on Brazil. **Economic Botany**, XX(X). 1-15pp. 2010.
- OLIVEIRA, M. A. **Folia de reis em São João Marcos (RJ): Aspectos de uma identidade cultural em um processo de patrimonialização** », e-cadernos ces , 21. <http://eces.revues.org/1791>. 2014.
- OLIVEIRA, R. R. Fruto da terra e do trabalho humano: paleoterritórios e diversidade da Mata Atlântica no Sudeste brasileiro. **Revista de História Regional**, v. 20, p. 277-299. 2015.
- OLIVEIRA, A. G. S. Políticas de tombamento de patrimônio histórico: caso de São João Marcos. Tese. UFF-RJ. Angra dos Reis. 2016.
- OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanço nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 23(2) 590-605. 2009.
- OLIVEIRA, R. R. & SILVA, I. M. História da paisagem e paisagens sem história: espécies exóticas e nativas manejadas na mata atlântica. In: PEIXOTO, A. L. & SILVA, I. M. **Saberes e usos de plantas- Legados de atividades humanas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Ed. PUC-RIO. 228p. 2011.
- PATZLAFF, R.G. & PEIXOTO, A. L. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos** 16 (1) 237-246. 2009.
- PEREIRA, M. P. S.; FRANCELINO, M. R.; QUEIROZ, J. M. A Cobertura Florestal em Paisagens do Médio Vale do Rio Paraíba do Sul. **Floresta e Ambiente**, 24: e00134115. 2017.
- SERQUEIRA, C. **Mapas antigos, histórias curiosas!** 2017. Disponível em: <http://serqueira.com.br/mapas/lages1.htm>. Acesso em 07 de junho de 2017.
- SOS MATA ATLÂNTICA/ INPE. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica período 1995 -2000**. São Paulo. 2001.
- STEIN, S. **Vassouras: um município brasileiro do café**, 1850- 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 314 p. 1990.
- VELOSO, H. P.; RANGEL FILHO, A. L. R.; LIMA, J. C. A. **Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema universal**. Rio de Janeiro-RJ: FIBGE. 1991.
- VERMEIJ, G. J. **Invasion as expectation: a historical fact of life**, in **Species Invasions: Insights into Ecology, Evolution, and Biogeography** (eds. D. F. SAX, J. J. STACHOWICZ and S. D. GAINES), Sinauer Associates, Inc. Publishers, Sunderland, Massachusetts, 315–340. 2005.
- VIDAL, V. S. **Médio Vale do Paraíba do Sul: Fragmentação e Vulnerabilidade dos Remanescentes da Mata Atlântica**. Tese, UFF. Niterói. 2002.